

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE
INFÂNCIA MARIA ULRICH

**CONQUISTA DA AUTONOMIA: QUAL O PAPEL DO REFORÇO
POSITIVO?**

Maria Leonor Granate Leite Santos

Relatório Final realizado no âmbito da área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Helena Quintela

Lisboa
2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE
INFÂNCIA MARIA ULRICH

**CONQUISTA DA AUTONOMIA: QUAL O PAPEL DO REFORÇO
POSITIVO?**

Maria Leonor Granate Leite Santos

Relatório Final realizado no âmbito da área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Helena Quintela

Lisboa
2015

Quero agradecer à minha orientadora Professora Helena Quintela, pela disponibilidade, atenção, paciência, dedicação e profissionalismo.

À minha família, em particular aos meus pais.

Aos meus amigos, em especial à Teresa Sarmiento, por toda a ajuda que me deu durante a elaboração do Relatório Final.

III

Resumo:

Este Relatório Final assenta no Paradigma Qualitativo e Interpretativo e insere-se no âmbito da Área Científica da Prática de Ensino Supervisionada – PES, do Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Este estudo emergiu durante o estágio, foi no decorrer deste que pude constatar sobre importância da conquista da autonomia na vida de uma criança. Surgiu então a questão na qual me foquei para esta investigação – **A conquista da autonomia: Qual o papel do reforço positivo.**

Os dados para esta investigação foram recolhidos numa instituição privada, ao longo do meu percurso de estágio, no corrente ano lectivo 2011/2012. Este trabalho advém do instrumento de recolha de dados, as Notas de Campo, que sustentam todo o meu estudo.

Os dados recolhidos foram analisados por mim e depois fundamentados com autores de referência, isto possibilitou-me compreender algumas estratégias e atitudes a utilizar enquanto educadora.

A fundamentação teórica utilizada permitiu-me justificar a reflexão e a análise das Notas de Campo. E pude verificar com isto que os dados analisados apontam para uma forte relação entre o papel do adulto na conquista da autonomia da criança e a motivação da própria criança na mesma conquista.

Palavras-chave

Autonomia

Reforço-positivo

Conquista

Iniciativa

Abstract

This Final Report is based on the Qualitative and Interpretive Paradigm and falls within the framework of the Scientific Field of Prática de Ensino Supervisada – PES (Supervised Teaching Practice), from the Master in Preschool Education at Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

This study emerged during the internship, when I could observe the importance of the conquest of autonomy in the life of a child. The question then arose in which I focused on for this investigation - The conquest of autonomy: What is the role of positive reinforcement.

The data for this investigation were collected at a private institution during my internship in the academic year 2011/2012. This work derives from data collection instrument, the Field Notes, that sustain all of my study.

The collected data were analyzed by me and then grounded with referenced authors, this enabled me to understand some strategies and attitudes I could use as an educator.

The theoretical basis that was used allowed me to justify the reflection and analysis of the Field Notes. And by this I could verify that the analyzed data point to a strong relation between the adult role in the child's conquest of autonomy and the child's own motivation in that achievement.

Key Words

Autonomy

Positive reinforcement

Achievement

Initiative

Índice:

1. Introdução	9
2. O problema: A relevância (porquê?)	11
A conquista da autonomia: Qual o papel do reforço positivo?	
3. Os objectivos: A adequação (para quê?)	17
Intencionalidade	
Objectivos do trabalho	
4. Metodologia: A autenticidade (como?)	19
Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo)	
As Notas de Campo como instrumento de recolha de dados	
Descrição de procedimentos	
Implementação – Cronograma (o quê/quando?)	
5. Leitura dos dados (análise e interpretação) – A sustentabilidade.....	24
Indicadores; Significado/Significados;	
Adequação da Notas de Campo e fundamentação teórica	
6. Conclusões: A transformação	31
Breve resumo sobre os aspectos fundamentais do trabalho	
7. Referências Bibliográficas	34
8. Anexos	36
Notas de Campo	

Introdução

O presente Relatório Final, que se encontra redigido sob o antigo acordo ortográfico, insere-se no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada (PES), que por sua vez, se encontra incluída no Mestrado em Educação Pré-escolar.

A minha pergunta de partida - **A conquista da autonomia: Qual o papel do Reforço Positivo?**- por ser um tema que sempre me suscitou interesse ao longo do meu percurso enquanto estudante e estagiária, surgiu-me naturalmente a partir da recolha de Notas de Campo, no contexto da minha prática pedagógica na Escola “Avé-Maria”.

A pergunta de partida do meu relatório final, como referi anteriormente surgiu espontaneamente durante o estágio ao deparar-me com crianças que estão a entrar numa fase de constante procura de autonomia (3 anos). Isto porque tanto fisicamente como intelectualmente nesta idade a criança adquire capacidades que a vão ajudar a tornar-se autónoma. Como por exemplo, a criança começa a conseguir realizar as tarefas diárias sozinha (vestir, comer, arrumar, etc). Também é nesta idade que a curiosidade da criança começa a surgir frequentemente, e a consciência de si própria desenvolve-se bastante nesta fase do desenvolvimento. Quis então perceber e reflectir melhor sobre a conquista da autonomia para depois poder encontrar estratégias de actuação sobre este tema.

Visto que a autonomia, é analisada como um processo que se inicia na infância e se desenvolve por toda a vida do ser humano, considero que o educador tem um papel fundamental na sua conquista, pois sendo o educador uma referência para a criança, julgo que cabe-lhe equilibrar esta fase, dando simultaneamente segurança e liberdade à criança.

Utilizando uma metodologia de investigação qualitativa, este relatório focaliza-se na compreensão do processo de conquista de autonomia em crianças de três anos de idade.

Assim, este relatório começa com uma introdução, onde exponho a questão, bem como a razão da sua escolha. Seguidamente o Problema, onde explico de forma mais aprofundada o problema/questão que está na base deste relatório e a justificação da escolha do mesmo, bem como a sua contextualização e sustentação teórica.

Seguidamente apresento os Objectivos do relatório, onde explico a minha intencionalidade, metas concretas e a definição operacional dos termos, para uma melhor compreensão dos conceitos sobre os quais me irei debruçar.

No capítulo que se segue explico a Metodologia do trabalho é esta baseada no paradigma qualitativo/interpretativo por se tratar de um estudo na área das ciências humanas. Aclaro as características do paradigma qualitativo, o cronograma do relatório e defino qual a importância das Notas de Campo como instrumento de recolha de dados.

Analisei as minhas Notas de Campo, retirando destas os indicadores e os significados, interpretando-as a partir de duas categorias distintas:

“Categoria A” – Estratégias do adulto de reforço positivo para a conquista da autonomia da criança.

“Categoria B” – A iniciativa da criança para a conquista da autonomia.

Concluo o trabalho, com um breve resumo sobre os seus aspectos fundamentais, tentando uma verificação no sentido dos objectivos terem sido ou não alcançados, e expressando as dificuldades e as aprendizagens que obtive ao realizá-lo.

Depois das conclusões apresento o capítulo das Referências Bibliográficas, onde menciono, por ordem alfabética, os autores que consultei e referi ao longo desta investigação.

Os anexos, onde se inserem as Notas de Campo utilizadas, encontram-se no fim deste relatório.

Desta forma, propõe-se neste relatório final entender de forma mais aprofundada qual o processo da conquista da autonomia na criança em idade pré-escolar e quais as estratégias que o educador deve utilizar para um melhor desenvolvimento desta.

O Problema

No âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada surgiu-me de forma natural um novo interesse. Tive a oportunidade de verificar os benefícios que a autonomia oferece às crianças e ao funcionamento prático de uma instituição. Pois a autonomia é tão importante nos processos educacionais, quanto nos processos sociais. Foi no decorrer do último estágio que adquiri maior consciência sobre a importância da autonomia na educação e no desenvolvimento do ser humano.

A escola onde realizei o estágio é católica e fundamenta a sua actividade educacional na pessoa de Jesus Cristo e na Sua Mensagem. Comprometida na promoção da pessoa total, na sua formação humana e espiritual. Cultiva os valores humanos que considera fundamentais e essenciais, são estes: Fé, Cultura e Vida.

“Proporciona uma abertura às diferenças e complementaridade humanas com o incentivo à tolerância e à procura dos valores cristãos que tornam o homem verdadeiramente feliz. Orienta a reflexão e a acção no sentido do amor para que as crianças experimentem a fonte do Amor – Deus Pai.”

(Retirado do site oficial da Escola “Ave-Maria” – Direcção)

Seria difícil não constatar, que para esta escola é especialmente importante o tema da autonomia na medida em que está registrada como um objectivo a ser desenvolvido junto aos alunos pelo colectivo docente. Como estagiária, pude observar que prima bastante pela autonomia e tem como um dos seus objectivos orientar a criança para uma “autonomia responsável”, pois para esta escola “a criança autónoma respeita a autonomia do outro e está preparada para o Amor, o Diálogo, a Compreensão e a Tolerância.” (Retirado do site oficial da Escola “Ave-Maria” – Direcção).

Este foi um aspecto que pude observar, pois fiquei admirada com o grau de desenvolvimento e autonomia que crianças de três anos podem alcançar.

O grupo de crianças com que estagiei era permanentemente estimulado a ser autónomo, ou seja as crianças eram estimuladas a terem capacidade de decidir, de actuar sozinhas e de superarem as dificuldades do quotidiano com que se deparavam. O grupo era bastante homogéneo, e estava numa fase de constante descoberta. As crianças do grupo já tinham adquirido a linguagem, e o nível de compreensão oral era apropriado para a idade. As brincadeiras entre pares já começavam a ser cada vez mais constantes e organizadas. Estas crianças já desempenhavam actividades em conjunto, no entanto, a

disputa pelo mesmo brinquedo e alguns conflitos entre pares ainda eram frequentes, fazendo assim com que recorressem várias vezes ao adulto para resolução do problema.

“R dirige-se a mim e diz: «Leonor, a M diz que eu não posso brincar com ela porque sou bebé!» (...).”

Nota de Campo, (09/05/2012)

Estas crianças encontravam-se numa fase de exercício de autonomia, e esta fase leva à necessidade de se estabelecer algumas regras e limites considerados imprescindíveis. A necessidade de estabelecer regras e limites tem a ver, essencialmente, com o saber dizer “não” à criança. Pois, uma criança que cresce sem limites não significa que se torne numa criança livre nem feliz, pelo contrário, muitas vezes estas crianças encontram-se permanentemente angustiadas, têm pesadelos e são inseguras. Assim, estabelecer regras e limites tem uma função estruturante na mente da criança, desde que estas sejam claras, coerentes, firmes, constantes e consequentes. A criança precisa de conhecer até onde pode ir para se sentir mais confiante e alimentar a auto-confiança, porque isso fá-la-á sentir-se mais segura e consequentemente mais autónoma.

As crianças reproduziam gestos e atitudes umas com as outras e mostravam grande prazer em imitar acções quotidianas dos adultos como por exemplo alimentar as bonecas, falar ao telefone, fingir refeições. Mostravam autonomia nos momentos das refeições, na ida à casa de banho, a transmitir recados e na organização da brincadeira livre quer na sala quer no recreio.

A citação abaixo refere-se à 1ª infância, no entanto explica que é quando se dá a maturação física que a conquista da autonomia se começa a desenvolver com maior intensidade.

Durante este segundo período da infância, o desenvolvimento emocional e pessoal progride para o que Erikson designa por estágio da autonomia *versus* vergonha. Neste estágio, a criança emerge de uma dependência quase total em relação à pessoa responsável pela sua educação e começa, em termos literais e figurativos, a andar pelo seu próprio pé. A maturação física, que permite que o bebé gatinhe, ande, corra, trepe, proporciona os meios necessários para um grande salto no sentido da autonomia pessoal. É um período de exploração intensa, em que a criança parece estar envolvida activamente em praticamente tudo.

(Sprinthall & Sprinthall, 1993,p.143)

Penso que os princípios e valores que regem a minha prática educativa estão totalmente ligados aos princípios e valores que regem a minha vida pessoal. À medida que fui amadurecendo, a minha perspectiva do mundo e a minha maneira de viver tornaram-se mais sólidos. É muito importante ter oportunidade de decisão sobre os problemas com que me deparo, sem nunca desprezar os valores que fui adquirindo. Um dos aspectos que me permitiu solidificar os meus valores foi perceber que não se é feliz sozinho, que a felicidade só é real sendo partilhada. Por isso, prejudicar, maltratar e desrespeitar as pessoas que nos rodeiam nunca será a solução para viver bem; saber defender e ser firme nas minhas opiniões e nos meus pontos de vista; não deixar que me desrespeitem nem que me humilhem; são os pilares que sustentam a minha maneira de estar. Portanto, como afirmei no início deste parágrafo, os valores e princípios que regem a minha prática educativa não se conseguem separar dos princípios e valores que regem a minha vida. Assim, o mais importante na minha prática educativa é talvez, mais do que ensinar às crianças os planos curriculares, ensiná-las a viver, a tornarem-se sujeitos das suas próprias histórias e a saberem “ler” o mundo que as rodeia. Por esta razão, através do exemplo e da liberdade de experimentação, gostaria de “guiar” as crianças com que futuramente irei trabalhar para que deem valor à vida; para que se respeitem e respeitem o próximo, para que saibam diferenciar o respeito pelos adultos; e por último, mas com a mesma importância, que se tornem crianças e adultos autónomos ou seja, com capacidade de decisão e de escolha.

Durante o estágio fui-me apercebendo que o Reforço Positivo poderia ser um grande pilar na conquista da autonomia. Apercebi-me, que ao reforçar positivamente um acto de uma criança ou encorajá-la, aumentava a probabilidade de resposta por parte da criança. Reforçar o comportamento positivo ajuda a criança a sentir-se bem com as suas escolhas, o que, por sua vez, motiva-a a aperfeiçoar ainda mais o comportamento que lhes traz gratificações. O Reforço Positivo é uma forma de incentivo, que faz com que a criança se sinta reconhecida pelos seus esforços. Basta dizer ou ter atitudes simples com a criança para que esta tenha mais vontade e incentivo para agradar e realizar novas conquistas. E tudo o que a faça sentir-se válida e que lhe dê auto-estima, vai conseqüentemente torna-la mais autónoma.

Assim, depois de ter reflectido sobre a importância da conquista da autonomia na vida de uma criança e de me ter apercebido que um dos grandes factores: o Reforço Positivo, não o único, mas determinante para que esta se desenvolva, emergiu o

problema que se integra na minha decisão de trabalho: **A conquista da autonomia: qual o papel do reforço positivo?**

No registo das Notas de Campo constatei que espontaneamente utilizava o Reforço Positivo como forma de incentivar as crianças a conseguirem chegar aos seus próprios objectivos e também como forma de as elogiar pelo esforço e pelos actos conseguidos por elas mesmas.

“ (...) Quando acabou de descer olhou para mim e disse: “O P (2,11) conseguiu descer as escadas todas sozinho, sem ajuda! A Leonor viu?”. Respondi: “Vi pois! Muito bem, espetacular!”. (...) ”

Nota de Campo, (19/03/2012)

Penso que encorajar a acção de uma criança (Reforço Positivo) por um esforço ou por uma conquista, motiva-a e leva-a a adquirir maior autonomia. O adulto, ao reforçar positivamente um esforço ou uma conquista da criança, está a ajuda-la a sentir que é capaz de fazer bem e está também a elevar-lhe a auto-estima. É ao sentir-se capaz que a criança vai-se tornando mais segura e conseqüentemente autónoma. Portanto, segundo esta lógica, penso que o Reforço Positivo é um factor essencial para a conquista da autonomia.

Julgo que muitas vezes inconscientemente os adultos reagem mais aos comportamentos negativos da criança do que aos comportamentos positivos e às conquistas, pois quando a criança faz o que é “esperado” para a sua idade, raramente obtém reconhecimento dos adultos, sendo considerado que fez apenas “a sua obrigação”. O adulto tem de ter em conta que cada criança tem o seu ritmo e que o seu desenvolvimento surge de maneira progressiva e espontânea. Sem dúvida, que necessita do estímulo e do apoio dos adultos presentes na sua vida, para que este processo seja o mais saudável possível. Deve então haver um equilíbrio e bom senso, para não exigir mais do que ela possa dar. E se para “aquela” criança houve uma situação que implicou esforço e dedicação, mesmo que fosse o “esperado” pelo adulto, deve-se sempre reconhecer e reforçar positivamente a atitude.

Considero que o Reforço Positivo pode ser uma estratégia eficaz na conquista da autonomia, pois ao ser reconhecida pelos comportamentos adequados, a criança tanto vai tentar comportar-se novamente daquela maneira (pois gosta de ser reconhecida e

gosta de agradar os adultos que fazem parte da sua vida), como, fica mais motivada a realizar novas conquistas e a sentir-se “livre” e “à vontade” para tomar as suas decisões.

Para Skinner um reforço positivo é qualquer estímulo que, quando acrescentado à situação, aumenta a probabilidade de ocorrência na resposta. (...) O reforço é definido como algo que se observou aumentar a probabilidade de repetição da resposta.

(Citado por Sprinthall & Sprinthall, 1993,p.226)

Na Nota de Campo abaixo referenciada encontra-se um exemplo do que referi anteriormente. A criança que não queria comer a cenoura, ao ser motivada experimentalmente. Por fim, acaba por gostar da sensação de ser reconhecida, comendo mais um pedaço de cenoura.

“Digo-lhe: “Mas se a M (3,5) experimentar várias vezes, assim bocadinhos pequenos, vai aprender a gostar, ainda por cima a cenoura que faz os olhos bonitos!”. M experimenta um bocado de cenoura. Digo-lhe: “ Boa M, mas que linda!”. Acaba de engolir olha para a auxiliar e diz: “ Carol, eu consegui comer cenoura! Olhe eu!” E come mais um bocado de cenoura.” A Carol e eu olhamos para M a sorrir. Carol exclama: “ Que linda M, que grande conquista!”.

Nota de Campo, (16/04/2012)

A auxiliar depois desta situação ter acontecido explicou-me que M tem algumas dificuldades em comer a salada, e são raras as vezes que come, o normal, quando alguém insiste para que coma, é pôr na boca e cuspir a salada para o prato.

Numa tentativa que M comesse a cenoura tentei incentivá-la com algo que lhe iria suscitar interesse dizendo-lhe que a cenoura iria fazer-lhe bem e que se a comesse ficaria com os olhos mais bonitos. O meu incentivo resultou, pois M comeu a salada e sentiu-se bastante realizada por ter conseguido fazê-lo.

Na minha opinião, é nestas pequenas conquistas realizadas pela criança, que o adulto deve aproveitar para a reforçar positivamente e para a motivar, mostrando assim à criança que esta é capaz disto e de muito mais.

Por esta razão, os adultos que convivem diariamente com crianças, não devem nunca desprezar estes pequenos momentos diários para as reforçar positivamente. Pois a

criança vai se tornando cada vez mais confiante, tendo oportunidade de desenvolver a sua autonomia.

São vários processos bem-sucedidos e reconhecidos positivamente pelo adulto e pela própria criança que fazem com que a autonomia se vá formando nela. Uma criança autónoma consegue espontaneamente ser livre nas suas opiniões e decisões. Por esta razão, acho que se torna bastante importante que uma criança saiba reconhecer os seus actos bem-sucedidos, tornando-se assim fundamental o papel do educador em apoiar a criança a reconhecer as suas conquistas.

Assim, considero que a criança deve ser valorizada pelo esforço e não pelo produto final, e deve também saber valorizar-se e valorizar os outros, ficando mais motivada a ser autónoma. Na Nota de Campo abaixo citada, podemos observar um exemplo do que acabei de referir, a criança é reforçada e estimulada a fazer sozinha, acabando por ser a própria criança a valorizar-se pelo esforço e pela conquista.

“ (...) Então, pego num sapato, alargo os atacadores e digo-lhe: “Veja lá se consegue melhor assim.” M (3,5) pega no sapato e consegue calçá-lo. Repito o mesmo com o outro e M consegue novamente calçar o sapato. Digo-lhe: “Boa! Vê como consegue calçar os sapatos sozinha!?” “ Sim, pois é a M afinal consegue calçar os sapatos, a M é crescida e já vai fazer 4 anos!”, responde M sorrindo.”

Nota de Campo, (21/03/2012)

Para a construção da autonomia o educador deve então criar um ambiente favorável, de confiança, e que faça com que a criança se sinta aceite e compreendida. As crianças aprendem melhor quando se sentem bem no local de aprendizagem (a escola).

Diante desta perspectiva e depois de uma reflexão geral sobre a influência do reforço positivo na conquista da autonomia surgem as seguintes questões:

Que desafios deve promover o educador para o exercício da autonomia?

Como é que o trabalho educativo do educador de infância, pode favorecer o processo de conquista de autonomia na criança de 3 anos de idade?

Como é que o educador estimula na criança a capacidade de ser autónomo, ou seja, a capacidade de decisão e iniciativa?

Qual o papel do reforço positivo para favorecer a conquista da autonomia?

Os Objectivos

As palavras podem ser interpretadas de várias formas e ter vários significados, por isso é bastante importante e necessário esclarecer qual o significado dos termos utilizados neste relatório. Assim, irei definir quais os conceitos-chave do enunciado do problema e irei definir o que significam neste contexto.

Depois destas definições irei então enumerar as finalidades, os objectivos e a adequação destes para a elaboração deste relatório.

Conquista – acção de lutar para se obter o que se quer; o que se obtém através de esforço ou trabalho (Grupo Porto Editora, *Dicionários e Enciclopédias, Infopédia*).

Autonomia - faculdade de se governar por si mesmo; liberdade ou independência moral ou intelectual (Grupo Porto Editora, *Dicionários e Enciclopédias, Infopédia*).

A palavra **autonomia** vem do grego *autos* “si mesmo” e *nomos* “lei”, e significa autogoverno, autoconstrução, ou seja, capacidade de autodeterminação e de autorregulação (...) A autonomia não é um valor fechado em si mesmo, mas um valor que se determina numa relação de interacção social.

(Torres, Santana, Villela, 2009, p.101)

A autonomia é a capacidade da criança levar a cabo acções de independência e exploração habitualmente acompanhadas por afirmações do tipo: “o que estará para lá do sítio onde estou?” e “Deixem-me fazer isto sozinho”. É que, embora as crianças necessitem experimentar um forte sentimento de ligação emocional relativamente aos seus pais e educadores, necessitam simultaneamente de desenvolver um sentido de identidade própria enquanto pessoas autónomas e independentes, com capacidade para efectuar escolhas e tomar decisões.

(Hohmann & Weikart, 1995, p.66)

Ou seja, autonomia é tanto a capacidade de fazer sozinho acções diárias como a capacidade de decisão e de escolha.

Reforço Positivo – aquilo que serve para dar mais força, solidez, intensidade e resistência (Grupo Porto Editora, *Dicionários e Enciclopédias, Infopédia*). “Para Skinner um reforço positivo é qualquer estímulo que, quando acrescentado à situação, aumenta a probabilidade de ocorrência na resposta. (...) O reforço é definido como algo que se observou aumentar a probabilidade de repetição da resposta.” (Sprinthall & Sprinthall, 1993,p.226)

A intencionalidade desta investigação é aprofundar o conhecimento sobre o papel do reforço positivo na conquista da autonomia. Como educadora, pretendo investigar os procedimentos que envolvem o reforço positivo na aprendizagem e que melhor se adequem ao desenvolvimento da autonomia.

Assim, de forma a estruturar melhor este trabalho decidi organizar os meus objectivos por itens:

- Reflectir sobre a importância do reforço positivo na conquista da autonomia da criança;
- Identificar estratégias do educador para o exercício da autonomia;
- Perceber o papel do reforço positivo na conquista da autonomia;
- Perceber a importância da motivação/iniciativa da criança para alcançar a própria autonomia.

Metodologia

Segundo Fernandes (1991), no paradigma qualitativo não se considera a existência de uma só interpretação (objectiva) da realidade, pelo contrário, admite-se que há várias interpretações da realidade, tantos quantos o número de investigadores que a procuram interpretar.

No paradigma qualitativo, o investigador é o “instrumento” de recolha de dados. Assim, a qualidade, legitimidade e fiabilidade dos dados depende muito da sua sensibilidade, da sua integridade e do seu conhecimento. Guba (1990, p.17) considera o paradigma qualitativo “um conjunto de crenças que orientam a acção”.

Como é evidente, o paradigma qualitativo pressupõe o recurso ao método qualitativo. Será esta a metodologia – investigação qualitativa - que irei utilizar para a elaboração do Relatório Final.

Bogdan e Biklen, apresentam a investigação qualitativa a partir de uma perspectiva mais social, caracterizada por dar relevância à descrição e à observação participante. Por esta razão, denomina-se uma investigação qualitativa, pois os dados recolhidos devem ser detalhadamente descritivos e recolhidos num contexto natural.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) são cinco as características essenciais da investigação qualitativa:

- **“Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” (p. 47).** - O ambiente natural como fonte directa de observação. O investigador deve inserir-se no contexto natural para a recolha de dados. Sendo que desta forma, o investigador torna-se membro do contexto, conseguindo compreendê-lo melhor e interpretar melhor as acções que ali se vivem.

- **“A investigação qualitativa é descritiva.” (p. 48).** - Visto que se trata de uma investigação descritiva, os dados recolhidos pelo investigador são elaborados através de palavras ou imagens e são analisados em toda a sua riqueza, nada deve ser desprezado. Para poder fundamentar as observações da melhor forma possível o investigador pode utilizar Notas de Campo, entrevistas, fotografias, vídeos, documentos, registos, entre outros. É essencial que o investigador conheça bem as realidades observadas, para isso deve recolher e

analisar detalhadamente dados descritivos, para que assim se torne mais compreensível e esclarecedor o objecto de estudo.

- **“Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (p. 49).** - Maior interesse pelo processo do que pelo produto/resultado. Neste tipo de investigação, mais importante que os produtos, são os processos. Conhecer a natureza dos fenómenos ou acontecimentos a observar é assim muitíssimo importante -“O interesse é o Processo e não o produto/resultado”-. Isto acontece porque o investigador, ao observar, tem de reconhecer expectativas, procedimentos e interacções. O investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para provar alguma teoria.

- **“Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.” (p. 50).** - Análise de dados é realizada de forma intuitiva. Os dados são tendencialmente analisados de forma indutiva. O investigador não se centra, somente em considerações já formadas, mas sim tira as suas conclusões à medida que recolhe e analisa diferentes dados. Assim, o investigador parte dos dados para a elaboração da teoria.

- **“O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.” (p. 50).** - A importância vital do significado. Os investigadores procuram perceber as sensações, a forma de interpretar as situações e a forma como os sujeitos que está a investigar, se estruturam no ambiente.

Este tipo de investigação, dá grande importância aos registos detalhados e aos interesses das pessoas que estuda. Obviamente que a presença do investigador pode modificar o comportamento das pessoas que pretende estudar, todavia os investigadores devem interagir com os sujeitos de forma mais natural possível e ao mesmo tempo de forma não intrusiva. Para que isto aconteça, o investigador deve ter, previamente, conhecimentos aprofundados do contexto que pretende estudar, para assim conseguir “inturmar-se” da melhor forma possível.

Com isto, posso concluir que o grande objectivo deste tipo de investigação é perceber a fundo os comportamentos e as experiências humanas.

No início de uma investigação sabe-se pouco sobre as pessoas que vão ser estudadas, portanto, a formulação das questões virá depois, e é resultante da recolha de dados, como por exemplo de Notas de Campo.

Estas serão o instrumento que irei utilizar durante esta investigação. As Notas de Campo devem ter uma parte muito descritiva, para que quem as lê consiga imaginar exactamente o que aconteceu. Devem ter também, uma parte inferencial onde o investigador deve colocar o que sentiu, as suas questões as suas hipóteses e ideias. E por fim, uma parte reflexiva onde a partir da parte descritiva juntamente com as inferências, o investigador deve comentar, justificar e fundamentar teoricamente, baseando-se em autores de referência.

Segundo Biklen e Bogdan (1994. p.150), “as notas de campo são as «fatias de vida» a que o investigador assiste e que capta de forma objetiva e detalhada, são «o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Seguidamente irei enumerar os procedimentos deste relatório, ou seja o conjunto de etapas realizadas neste processo:

1ª Etapa - Recolha de Notas de Campo de forma aleatória. Na primeira fase de estágio, realizada no mês de Janeiro e Fevereiro, foram retiradas notas de campo exploratórias e foi realizada uma síntese reflexiva das respectivas notas de campo. Na segunda fase de estágio, realizada de Março a Junho, foram também retiradas notas de campo exploratórias.

2ª Etapa – A emergência do problema. Depois da análise dessas notas de campo em Orientação Tutorial grupal, definiu-se o problema, sob orientação das Professoras Deolinda Botelho e Anabela Farinha

3ª Etapa – Recolha de Notas de Campo focalizadas. Após a definição do problema, iniciou-se a recolha de notas de campo focalizadas, consideradas pertinentes para a elaboração do relatório final.

4ª Etapa – Escolha/identificação das finalidades e objectivos para o trabalho.

5ª Etapa – Definição Operacional de Termos.

6ª Etapa – Breve definição do paradigma e metodologia qualitativa, enunciando as respectivas características.

7ª Etapa – Explicar as Notas de campo como instrumento de recolha de dados.

8ª Etapa – Cronograma, identificação e construção dos procedimentos.

9ª Etapa – Em junho, em regime de orientação tutorial, foi-nos explicado como deveríamos realizar a parte seguinte do trabalho: Leitura dos dados: A sustentabilidade.

10ª Etapa – Por fim, foi elaborada a conclusão do trabalho, a introdução, o resumo e as referências bibliográficas que o suportam. Por último a apresentação de dados compilados no terreno foram anexados.

PES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Outubro/Novembro
Recolha de Notas de Campo de forma aleatória.							
A emergência do problema.							
Recolha de Notas de Campo focalizadas.							
Orientação Tutorial							
Recolha Bibliográfica							
Definição Operacional de Termos.							
Escolha/identificação das finalidades e objectivos para o trabalho.							
Breve definição do paradigma e metodologia qualitativa.							
Explicar as Notas de campo como instrumento de recolha de dados.							
Cronograma, identificação e construção dos procedimentos.							
Leitura dos dados: A sustentabilidade; Conclusões; Introdução Referências bibliográficas; Anexos							

Leitura dos dados

Durante a minha investigação e na fase de levantamento das Notas de Campo tive oportunidade de recolher acontecimentos que, na minha opinião, ilustraram a conquista da autonomia por parte das crianças com que estagiei durante a prática de ensino supervisionada.

Para poder realizar a análise interpretativa dos dados, tive de primeiramente analisar atentamente as Notas de Campo. Assim, comecei por lê-las cuidadosamente salientando os indicadores significativos, depois agrupei-as de acordo os significados que possuíam para que as pudesse dividir em categorias distintas.

Encontrei dois indicadores distintos, pois pude observar que se destacavam dois tipos de atitude no processo de conquista da autonomia. O primeiro aborda o papel do adulto na conquista da autonomia da criança (que se resume no caso ao reforço positivo) e o segundo aborda a iniciativa da criança para a conquista da autonomia.

Numa análise mais cuidada das Notas de Campo recolhidas em tempo de estágio, pude verificar que algumas palavras se destacavam, por terem grande importância na minha investigação: autonomia, reforço positivo, incentivar, encorajar, vitoriar, escolha, experiências, explorar, decidir, competências.

Depois de ler várias vezes as Notas de Campo, pude constatar que se encontram muito presentes duas categorias. Pois, verifiquei que constantemente reforçava positivamente as crianças para que estas alcançassem sozinhas os objectivos pretendidos. E outras vezes as próprias crianças mostravam esforço e iniciativa para fazerem sozinhas.

Assim sendo, seleccionei duas categorias que denominei como:

“Categoria A” – Estratégias do adulto de Reforço Positivo para a conquista da autonomia da criança.

“Categoria B” – A iniciativa da criança para a conquista da autonomia.

Categoria A: Estratégias do adulto de Reforço Positivo para a conquista da autonomia da criança.

Penso que é importante, antes de desenvolver esta categoria, recordar que o processo de conquista da autonomia não se resume ao reforço positivo, no entanto, durante esta investigação quis aprofundar mais a fundo a relação entre reforço positivo e autonomia. Sendo assim, nesta categoria vou ter como assunto maior o papel do adulto empregando o reforço positivo na conquista da autonomia.

Relembrando o que é reforço positivo e como referi na Adequação do Relatório, segundo Skinner é: “ (...) qualquer estímulo que, quando acrescentado à situação, aumenta a probabilidade de ocorrência da resposta. (...) O reforço é definido como algo que se observou aumentar a probabilidade de repetição da resposta.” (citado por Sprinthall & Sprinthall, 1993,p.226)

Como Skinner refere, um reforço positivo “é qualquer estímulo que aumenta a probabilidade de resposta”, portanto com o que tive oportunidade de observar, considero que quando Skinner menciona “estímulo” tanto pode ser o encorajamento, o elogio e o incentivo, como a liberdade de experiência que o adulto concede à criança.

Pude observar durante o estágio, no registo das Notas de Campo e na reflexão destas, que o reforço positivo era uma estratégia muitas vezes presente no dia-a-dia. Assim, em nove Notas de Campo foram frases como as que se seguem que me fizeram consciencializar disso:

“ (...) «Vá, calce lá os sapatos sozinha que sei que é capaz!» (...) ” N.C. (21/03/2012).

“ (...) «Boa! Vê como consegue (...)» (...) ” N.C. (21/03/2012).

“ (...) «Boa, assim é linda!» (...) ” N.C. (23/03/2012).

“ (...) «Que linda M, que grande conquista!» (...) ” N.C. (16/04/2012).

“ (...) «Boa P, já viste a torre que fizeste? Tão grande! Estás mesmo crescido!» (...) ” N.C. (03/05/2012).

“ (...) «Mas a R (...) Já sabe fazer muitas coisas sozinha, e já brinca com os amigos!» (...) ” N.C. (09/05/2012).

Através da leitura, análise e interpretação das notas de campo, pude constatar que ao longo da minha acção pedagógica utilizava com frequência o reforço positivo constatando que este pode ser uma estratégia muito eficaz de incentivo à autonomia da criança.

Observei que ao serem reforçadas positivamente, as crianças esforçavam-se mais para conseguirem alcançar o objectivo pretendido e mostravam-se satisfeitas pelas suas conquistas.

Desta forma, analisei que quanto mais a criança for reforçada positivamente, mais vontade e aptidão tem para fazer sozinha e conseqüentemente para ter capacidade de decisão, portanto de alcançar a sua autonomia.

Como referi anteriormente, considero que reforço positivo não passa apenas por elogiar ou incentivar a criança, mas também, por dar liberdade à criança para ela própria experimentar, transmitindo assim que temos confiança nela. Só experimentando é que a criança pode ter “espaço” para ganhar a capacidade de decisão. Portanto, é experimentando que a criança vai conquistando a sua autonomia.

“Em nosso entender, o papel do professor mantém-se essencial mas muito difícil de aferir: consiste basicamente em despertar a curiosidade da criança e estimular-lhe o espírito de investigação. Isto é conseguido através do encorajamento da criança para que coloque os seus problemas, e nunca através de imposições de problemas para resolver ou do «impingir» de soluções. Acima de tudo, o adulto deve continuamente encontrar novas formas de estimular a actividade da criança e estar preparado para adaptar a sua abordagem conforme a criança vai colocando novas questões ou imaginando novas soluções”

(Piaget 1976, citado por Hohman & Weikart, 1995, p.32)

É muito importante o papel do educador para a conquista da autonomia da criança. O educador em vez de solucionar os problemas às crianças, deve encontrar estratégias que façam com que as crianças tenham vontade de encontrar as soluções para os seus problemas, de querer investigar e de saber mais. Para que assim se sintam e se tornem cada vez mais autónomas nas suas decisões e atitudes.

Assim, penso que o Reforço Positivo transmitido pelo adulto é realmente uma estratégia de incentivo à criança para que esta vá alcançando a sua autonomia. Não só porque o adulto presente na vida da criança (pai, mãe, educador, etc.) é o modelo que esta quer seguir e por quem quer sentir-se reconhecida, como também, a criança sente-

se satisfeita e feliz com as suas conquistas e conseqüentemente com mais vontade de concretizar novas conquistas.

“Quando a criança tem experiências com adultos em formas que conduzem ao aparecimento de sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa, em lugar de desconfiança, vergonha, dúvida e culpa, tenderá a desenvolver atitudes e sentimentos de esperança, aceitação, força de vontade e a capacidade e vontade para alcançar objectivos.”

(Hohman & Weikart, 1995, p.64)

Considero que a influência dos educadores na conquista da autonomia é de grande importância, pois a criança tem contacto diariamente com o seu educador e este é visto como grande referência. Por esta razão, considero essencial que o educador não perca de vista a importância do reforço positivo para que a criança consiga alcançar aos poucos a sua autonomia, pois as crianças têm necessidade de ser elogiadas, encorajadas e de terem liberdade de experimentar.

Julgo que é necessário ter em conta que o reforço positivo não é apenas elogiar aquilo que a criança fez bem, é também mostrar-lhe que apesar do erro ou de por vezes não conseguir fazer algo, ela tem boas capacidades e pode tentar ir por outro “caminho”. O reforço positivo transmitido pelo adulto, irá certamente, dar confiança à criança para arriscar mais e para querer fazer melhor e sozinha. Ou seja, tornar-se mais autónoma.

Pude também analisar que muitas vezes o reforço positivo pode ser transmitido indirectamente, por exemplo se a criança não se mostra interessada por fazer/comer/dizer alguma coisa, por vezes o melhor é não ser pressionada pelo adulto, pois isso pode causar maior resistência por parte da criança. Penso que o adulto nestes casos, deve dar liberdade e espaço à criança para esta escolher e para sozinha decidir como actuar. Na referência abaixo descrita, verifica-se um exemplo do que acabei de referir, neste caso sobre um alimento:

Por vezes é por inquietação que a criança recusa um alimento novo. O desconhecido pode com efeito ser inquietante em vez de interessante e agradável. Em vez de a atrair por um impulso ou curiosidade, afasta a criança que, se se insiste, acaba por empurrar a colher e o prato. Por vezes, se se deixa o alimento ao alcance da criança sem forçar nem sequer atrair a sua atenção, verifica-se que ela se interessa progressivamente até acabar, pouco depois, por o adoptar e até gostar particularmente dele.

(David, 1998, p.61)

Acredito que o adulto consiga cumprir o seu papel na conquista da autonomia da criança, fazendo ao máximo com que esta acredite nas suas capacidades, incentivando-a e reforçando positivamente os seus actos ou tentativas.

Categoria B: A iniciativa/motivação da criança para a conquista da autonomia

À medida que fui analisando as Notas de Campo, destaquei algumas frases que considerei relevantes para esta categoria. Por vezes, em algumas situações, as crianças mostravam que acreditavam nas próprias capacidades, enfrentando os desafios, demonstrando aptidão a novas conquistas, e no fim mostravam-se conscientes e orgulhosas por terem alcançado o objectivo.

Assume-se que as crianças quando podem fazer escolhas, optam pelo que é mais favorável ao seu desenvolvimento, tendo em conta as necessidades de exploração e de saber que aspiram (Portugal & Laevers, 2010). Neste processo, é importante perceber que não podem deixar de existir regras e limites.

Desta forma, e para melhor compreensão desta categoria, em oito Notas de Campo recolhidas, destaquei alguns aspectos que considero relevantes:

“ (...) «O P já sabe descer as escadas sozinho!» (...) ” N.C., (19/03/2012).

“ (...) L pega no livro que estava nas minhas mãos e diz: «Agora a L conta a história aos meninos» (...) ” N.C., (28/03/2012).

“ (...) «Leonor já sou crescida, já tenho quatro anos e já não uso chucha!» (...) ” N.C., (13/04/2012).

“ (...) «Não! Eu sei pôr o bibe sozinha!» (...) ” N.C., (25/04/2012).

Apesar de ter concluído que o papel do adulto é essencial na conquista da autonomia da criança, esta não se desenvolve sem a motivação nem a iniciativa da própria.

Portanto, apesar do adulto ter um papel fulcral nesta conquista, é muito importante e essencial que a criança tenha iniciativa e vontade de concretizar novas conquistas. Pois, na minha opinião, se isto não acontecer, a autonomia da criança não será devidamente desenvolvida.

Penso que esta categoria está directamente relacionada com a motivação intrínseca - “os motivos intrínsecos são aqueles que são satisfeitos por reforços internos, não estando dependentes de objectos externos.” Sprinthall & Sprinthall (1993, p.508) -, ou seja refere-se à motivação gerada pela própria necessidade da criança em fazer, superar novos desafios e em consolidar conquistas já adquiridas.

Tive oportunidade de verificar que muitas vezes, as crianças querem fazer e superar desafios sozinhas (sem a ajuda do adulto), muitas diziam que sabiam fazer e que queriam fazer sozinhas. Isso fez-me questionar o facto de que as próprias crianças sentem necessidade de auto-realização e de superação, atingindo assim aos poucos a capacidade de decisão e de escolha, ou seja a autonomia.

Julgo que neste tipo de acontecimento o adulto deve observar a criança sem interferir, deixando que a criança tente ao máximo atingir o objectivo pretendido, para que assim esta se sinta realizada e motivada para novas conquistas.

“ Os adultos que realizam trabalho educativo nos contextos de aprendizagem activa são guiados pela crença de que encorajar as crianças a resolver os problemas que encontram lhes oferece mais oportunidades para aprender do que fazer as coisas por elas. Acreditam também que é melhor que elas tenham problemas para resolver do que vivam num ambiente sem problemas. Desta forma, ficam por perto e esperam pacientemente enquanto as crianças tomam conta das coisas de forma autónoma – enquanto fecham o fecho éclair, apertam uma fivela, deitam o sumo no copo, limpam o cesto do lixo, fazem passar o triciclo através de uma porta estreita, ou se encontram uma peça que caiba e preencha o espaço entre dois blocos. Os adultos podem fazer a maioria destas coisas mais facilmente e de forma mais eficaz do que as crianças, mas ao esperarem que as crianças as façam sozinhas permitem-lhes que pensem e ponham em prática formas de resolver os problemas que encontram no dia-a-dia.”

(Hohmann & Weikart, 1995, p.49)

Como referi anteriormente, julgo que a conquista da autonomia na criança está muito relacionada com o papel do adulto na sua vida, no entanto, a autonomia não se conquista se a criança não tiver desenvolvido o seu sentido de iniciativa e motivação. Ou seja, a criança deve ter espaço para fazer sozinha, para se desembaraçar, para chegar ao objectivo pretendido à sua maneira. Só com esta *motivação para a competência* é que a criança vai conseguir dominar o ambiente que a rodeia e ser o autor da sua vida, só assim se torna autónoma.

Robert White, um teórico da personalidade sugeriu que um dos motivos humanos mais fundamentais se baseia num desejo forte e pessoal para dominar o ambiente de cada um. White chama-lhe *motivação para a competência*. A motivação para a competência, é sem dúvida, um motivo intrínseco, podendo até ter um valor de sobrevivência para as espécies. Tornar-se competente, ou seja, alcançar um certo grau de mestria sobre o seu ambiente, concede ao indivíduo a oportunidade de tomar conta da sua própria vida e ser, de facto, o autor do seu próprio destino.

(Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 514)

Assim, compreendo que a conquista da autonomia, não se baseia apenas como um comportamento ou um “saber-fazer” que a criança vai adquirindo, mas também como um processo que acompanha o desenvolvimento emocional e intrínseco da criança e a construção do seu mundo interno.

Conclusões

Para uma melhor compreensão do Relatório Final, nesta conclusão irei recordar a pergunta de partida, os objectivos que inicialmente propus alcançar, bem como fazer uma reflexão/avaliação sobre este percurso de aprendizagem.

A pergunta de partida do meu Relatório Final é: A conquista da autonomia: qual o papel do reforço positivo?

Assim, tive como objectivos para este trabalho:

- Reflectir sobre a importância do reforço positivo na conquista da autonomia da criança;
- Identificar estratégias do educador para o exercício da autonomia;
- Perceber o papel do reforço positivo na conquista da autonomia;
- Perceber a importância da motivação/iniciativa da criança para alcançar a própria autonomia.

Os objectivos deste relatório, foram surgindo na leitura das Notas de Campo recolhidas em estágio. Tive a oportunidade de observar que as crianças com quem estagiei iniciavam uma procura constante pela autonomia. Também constatei que eram muitas vezes estimuladas a adquirirem capacidade de decisão e de actuação.

Ao ler as Notas de Campo pude também reflectir sobre a minha interacção com as crianças, percebi que permanentemente reforçava positivamente as crianças para que estas conseguissem, por elas próprias, concretizar alguma tarefa ou alcançar um objectivo.

Por estas razões quis aprofundar a questão da conquista da autonomia na criança, para compreender como é que esta se vai desenvolvendo no ser humano, também acreditei ser relevante e pertinente investigar mais a fundo um dos factores que colabora no desenvolvimento da autonomia, selecionei então aquele que mais se destacava nas Notas de Campo, o reforço positivo.

Assim, durante a elaboração do relatório final fui reflectindo e investigando sobre a relação da autonomia e do reforço positivo.

Pude então durante toda a investigação, reflectir sobre a importância do reforço positivo na conquista da autonomia, e consciencializar-me de que o reforço positivo é

realmente essencial para que a criança consiga ir adquirindo a sua autonomia. Pois, se a criança for reforçada positivamente vai sentir-se capaz e motivada a fazer sozinha e a concretizar escolhas e formas de realizar objectivos.

Apreendi também que o educador deve permanentemente procurar e adaptar estratégias para o exercício da autonomia, estas não serão as mesmas para todas as crianças nem grupos de crianças. No entanto, existem alguns factores essenciais que pude descobrir ao longo desta investigação. Um deles é deixar que a criança decida por ela própria a forma como vai ultrapassar os obstáculos.

Agora que chego ao fim deste relatório final, posso reflectir sobre o que realmente aprendi ao realiza-lo. Pois, a realização deste, foi sem dúvida uma aprendizagem constante, quer a nível pessoal como a nível profissional. Percebi que a melhor forma de compreender a fundo as necessidades de uma criança, ou de um grupo de crianças, é através da observação, descrição, análise e reflexão dos seus comportamentos e respostas.

Apreendi inicialmente os passos necessários para se fazer uma investigação. Tive algumas dificuldades em organizar-me, em começar a ordenar as ideias, a excluir o que pensei ser menos relevante e a incluir aquilo que era mais importante para esta investigação.

Senti algumas dificuldades em seguir uma linha de pensamento harmonizada, pois por vezes sentia que me começava a desviar e a afastar-me do problema de partida e dos meus objectivos. Por esta razão senti-me obrigada a muitas vezes voltar atrás, a acrescentar ou apagar e a fazer de novo.

Estas dificuldades fizeram com que me sentisse desmotivada algumas vezes durante este percurso, pois ficava insegura e com medo que o meu relatório não estivesse com as ideias organizadas. Penso que foi muito importante ter-me preocupado constantemente com a solidez do relatório, pois só assim é que foi possível conciliar os meus pensamentos e ideias ao mesmo tempo que tentava superar os objectivos inicialmente propostos por mim, para o relatório final.

A elaboração deste relatório, fez-me compreender que é através da observação, descrição, análise e reflexão dos comportamentos das crianças que se consegue obter melhores respostas para as crianças. Por esta razão, a investigação vai ser um

instrumento de trabalho bastante útil ao longo da minha prática, para compreender e atender às necessidades das crianças de forma mais adequada.

A elaboração do Relatório Final, não só me enriqueceu profissionalmente, como também me acrescentou na vida pessoal, pois ajudou-me a ser uma pessoa mais reflexiva, ponderada e determinada, pois fez-me saber parar de vez em quando para pensar nas minhas acções, nas minhas decisões e reformular o que me é possível.

Referências bibliográficas:

- Artigo publicado: Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os Paradigmas de Investigação em Educação*. Recuperado em 2012, Junho 6, de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.pdf>.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Traduzido por Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, colecção Ciências da Educação., original em língua inglesa de 1991.
- Brazelton, T. B. e Sparrow, J. D., (2001), *A Criança dos 3 aos 6 anos*, (5ª ed.). Lisboa, Editorial Presença.
- *Dicionário Português*. (1983) Porto: Porto Editora.
- Grupo Porto Editora, *Dicionários e Enciclopédias*, recuperado em 2012, abril, 29, de <http://www.infopedia.pt>.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1989), *Educar a Criança*, (5ª ed.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Recuperado em 2012, abril, 28 de <http://escola-avemaria.com/wp/>
- Silva, I. L. (2007), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*, (3ª ed.). Lisboa, Direcção-Geral de Inovação de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.
- Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. 2ª edição. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

- Sprinthall, Norman A. & Srinthall, Richard C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Tavares, A. (2008). *A Construção da Autoestima*. Recuperado em 2012, abril 29, de <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/construcao-auto-estima-410038.shtml>.
- Torres, M., Santana, C., & Villela, G., (2009), *A Autonomia da Criança no Processo de Internalização*. Recuperado em 2012, outubro, 11, de [http://www.academia.edu/484692/A AUTONOMIA DA CRIANCA NO PROCESSO DE INTERNALIZACAO](http://www.academia.edu/484692/A_AUTONOMIA_DA_CRIANCA_NO_PROCESSO_DE_INTERNALIZACAO).
- Werri, A. P. & Ruiz, A. (2001). *Autonomia Como Objectivo na Educação*. Recuperado em 2012, abril 7, de <http://www.urutagua.uem.br//02autonomia.htm>.
- Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora